

# Daniyyel na Cidade

Entre o pó e o perfume,  
entre o desejo e o silêncio.



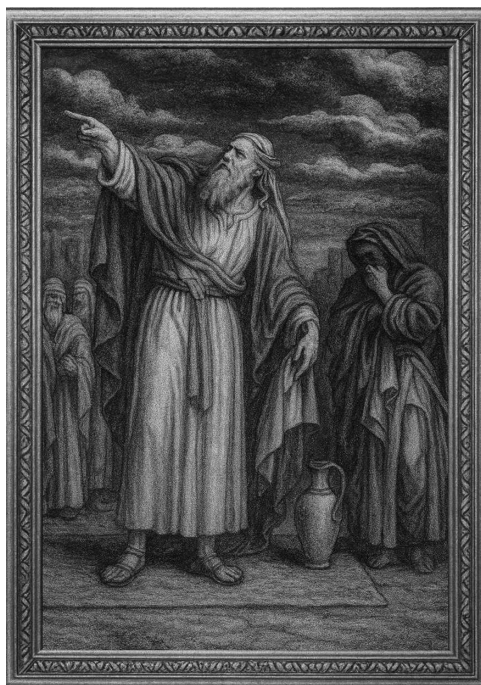
# **Daniyyel na Cidade**

**Adrião Pereira da Cunha**

Autor: Adrião Pereira da Cunha  
Design da capa: Maria Cunha  
ISBN: 9789403850047  
© Adrião Pereira da Cunha

# Daniyyel na Cidade

Entre o pó e o perfume,  
entre o desejo e o silêncio.



Daniyyel não nasceu para ser ouvido. Nasceu para escutar. Não veio com trombetas, nem com genealogias. Veio com passos leves, com olhos abertos, com sede. Não trazia títulos, nem missão declarada. Trazia apenas um corpo cansado e uma alma em vigília. Vinha do deserto, não como quem foge, mas como quem se prepara. O deserto não lhe deu respostas, mas ensinou-lhe a escuta. Aprendeu a ler o vento, a conversar com o silêncio, a distinguir o eco da voz. E quando o tempo chegou, Daniyyel desceu à cidade.

A cidade não é templo. É labirinto. É carne, é ruído, é perfume, é conflito. Não veio Daniyyel para condenar, nem para corrigir. Veio para estar. Para ver. Para tocar. Para ser tocado. Não é santo. Não é puro. É humano. E é nessa humanidade que o sagrado se insinua.

Daniyyel encontra mulheres que ardem, homens que mentem, crianças que choram, velhos que esperam. Encontra o mercado, o poço, o bordel, a praça, o beco. E em cada lugar, escuta. Não o que se diz, mas o que se cala. A sua espiritualidade não é doutrina, é presença. Não é dogma, é relação. Yonam ama. E por isso sofre. Mas também transforma. Não com milagres, mas com gestos. Não com discursos, mas com escuta.

Esta coletânea é a travessia de Daniyyel pela cidade. Cada capítulo é um encontro. Cada encontro, uma revelação. Não do céu, mas do humano. E no humano, o divino. Porque às vezes, Deus não fala do alto. Fala do meio. Do meio da rua, do meio da cama, do meio da dor. E Daniyyel escuta.

# Daniyyel na Cidade

Uma travessia entre o desejo e o silêncio,  
entre o toque e o sentido



## Capítulo I – A Mulher do Poço



Daniyyel caminhava só. Não por escolha, mas por necessidade. A cidade estava próxima, mas ele ainda não pertencia. Vinha do deserto, onde o silêncio é rei e o tempo não tem pressa. Os pés cobertos de pó, os olhos cheios de distância. Era jovem, mas já sabia o peso da escuta.

Chegou ao poço ao meio-dia. O sol estava no zénite, e a sombra fugira. Sentou-se junto à pedra, com o corpo cansado e a alma em vigília. Não esperava ninguém. Mas a sede não é apenas da água, é também de encontro. Ela chegou com o cântaro à cabeça. O andar firme, o olhar esquivo. Não era jovem, mas ainda ardia. A pele marcada pelo sol, os lábios secos, os olhos cheios de histórias que não se contam. Quando o viu, hesitou. Não por medo, mas por memória.

- És estrangeiro? - perguntou, sem o olhar nos olhos.